

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



A FORMAÇÃO COM MULHERES CAMPONESAS DA/NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL: SISTEMATIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA

Bruna Caroline Borges
Cheron Zanini Moretti

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 3 - Educação em espaços não-escolares, justiça socioambiental e movimentos sociais

Este trabalho tem como objetivo sistematizar a formação com as mulheres camponesas da/na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC) como uma experiência de Educação Popular Feminista (EPF). Trata-se de uma pesquisa participante que teve como metodologia a sistematização da experiência e análise a partir de diários de campo e da auto avaliação das participantes. A EFASC é uma escola do campo que oferece o Ensino Médio e Técnico em Agropecuária, fundada em 2009 que está localizada em Santa Cruz do Sul - RS e atende filhos e filhas de agricultores e agricultoras de onze municípios do Vale do Rio Pardo, contemplando 87 comunidades rurais (EFASC, 2024).

No ano de 2015 foi a primeira vez que a escola apresentou no relatório anual de atividades, um levantamento por gênero do número de estudantes nas cinco primeiras turmas formadas na escola, que totalizava 151 egressos/as, sendo 122 meninos e apenas 29 meninas. Ao longo dos anos, o número de estudantes mulheres matriculadas na escola teve um aumento significativo e chegou, no ano de 2024, aos 42% (68 estudantes) do total de 164 estudantes em processo de formação. Além disso, a partir de 2015 a escola incluiu gênero como pauta, realizando atividades sobre feminismo, saberes populares e outras temáticas relacionados com a participação das mulheres na produção agrícola, não apenas no 8 de Março, mas nos chamados “serões” que acontecem semanalmente. Contudo, ainda identifica-se uma dificuldade em encontrar registros da participação das mulheres na EFASC nos relatórios anuais divulgados pela escola. Junto à isso, também identificamos uma lacuna existente nas produções científicas com a temática EPF, em que, pouquíssimos trabalhos estão relacionados com as mulheres do campo. Desta forma, justifica-se nosso interesse em apresentar a sistematização de formação com as mulheres trabalhadoras rurais, realizada no primeiro semestre de 2025, que nós entendemos, como uma experiência de Educação Popular Feminista, ou seja, libertadora, crítica e consciente, que é feita com e pelas mulheres (Carvalho; Eggert, 2022).

Dezesseis anos depois de sua inauguração, foi a primeira vez que a EFASC promoveu um encontro das mulheres da Pedagogia da Alternância, uma realização histórica e desafiante. A formação

com mulheres camponesas intitulada “Projeto mulheres e cidadania: Construindo a unidade do trabalho e a produção do viver” foi organizada pela EFASC em parceria com as integrantes do Grupo de Pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Decoloniais e do Observatório da Educação do Campo do Vale do Rio Pardo (ObservaEduCampoVRP). Foi realizado nos meses de junho e julho e contou com a presença de mães, avós, irmãs, tias de estudantes da escola, além de egressas, trabalhadoras da escola e pesquisadoras vinculadas à EFASC, que formaram um grupo em torno de 120 mulheres. A formação aconteceu em quatro encontros, sendo que, no encontro de abertura e encerramento todas as mulheres participantes estiveram reunidas. Para garantir a qualidade da participação das mulheres nas atividades de formação, nos outros dois encontros que caracterizam-se como oficinas, as participantes foram divididas por localidade, formando quatro grupos.

O Projeto Mulheres e Cidadania contou com quatro momentos, sendo eles: 1) o Chá Agroecológico que foi o encontro de inauguração do projeto e aconteceu no auditório da EFASC com a presença de em torno 120 mulheres que; a partir disto, foram divididas em 4 grupos por localidade para a participação de oficinas; 2) a primeira oficina intitulada “Quem sou eu? E, quem são e foram as mulheres da minha vida” buscou refletir sobre o papel que as mulheres têm e/ou tiveram na vida das participantes, relacionando essa participação com aprendizados/ensinamentos compartilhados e com o trabalho desenvolvido por elas; 3) a segunda oficina “Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres” deu continuidade às reflexões da primeira, mas buscou identificar em quais espaços de trabalho, produtivo e reprodutivo, as mulheres estão presentes dentro de suas propriedades familiares, escola e comunidade; e, por fim, 4) a atividade de encerramento também aconteceu no auditório da escola e contou com a participação do grande grupo e foi realizada através de um baile agroecológico, que além de possibilitar a avaliação dos encontros de formação pelas participantes, foi um momento de confraternização e descontração em que as participantes dançaram, realizaram brincadeiras, compartilharam histórias e comidas.

As oficinas foram realizadas tanto no espaço da EFA, para mulheres pertencentes à localidades próximas da escola, como em espaços da localidade em que as participantes residem, como em Alto Paredão e Vale Verde, possibilitando a participação e mais facilidade de acesso para essas mulheres a partir de uma nova territorialização, implicando em aspectos culturais, econômicos e sociais em comum. Cabe ressaltar, que o evento foi pensado de forma a possibilitar a plena participação das mulheres, para isso, o primeiro passo foi organizar os encontros em datas que não coincidisse com o período de plantio, colheita e lida na lavoura. Além disso, foram disponibilizados transportes, alimentação e espaço de creche em todos os encontros, para que as mães, avós e tias que levassem suas crianças, pudessem participar plenamente, visto que, quando se realizam atividades com mulheres é necessário a compreensão de que estas são as principais responsáveis pelos cuidados dos/das filhos/as. Por isso, organizamos uma “ciranda infantil” com uma doutoranda e estudantes de Pedagogia e de Educação Física para acompanhá-las.

Esses encontros possibilitaram que as participantes refletissem sobre seu trabalho e trocassem experiências entre elas, enquanto trabalhadoras rurais responsáveis pela maior parte, quando não todo, do trabalho doméstico e de cuidado, além de levantar questionamentos sobre o patriarcado e o avanço do agronegócio. Além disso, levantaram outros temas que são recorrentes

em rodas de conversas entre mulheres, como a preocupação com a alimentação e educação dos/das filhos/as, saúde e educação pública, crise climática e violência. Desse modo, a formação possibilitou “processos de autoconsciência individual e coletiva”, permitindo a reflexão de uma forma crítica a sua realidade “partindo de análises históricas pessoais e de sua participação em organizações sociais” (Repem apud Moreira, 2017, p. 268). Além disso, durante os encontros de formação foi possível identificar a forma como as mulheres se organizam e atuam enquanto sujeitos políticos em seu território, a partir de sua realidade, e em suas práticas diárias, visto que muitas delas estão envolvidas como lideranças em associações escolares, grupos de mães e mulheres e outros coletivos, participando de organizações de almoços e jantares para a comunidade, que tornam-se espaços de enfrentamento ao patriarcado e no fortalecimento na lutas das mulheres (Chaves, 2020). Ou seja, as mulheres demonstram uma preocupação e estão comprometidas em transformar a comunidade em que vivem.

Apesar disso, compreendemos que os lugares em que as mulheres estão presentes, sejam eles educativos, pedagógicos, (re)produtivos ou políticos, tendem a não serem vistos, e portanto, não valorizados. Federici (2025) associa isso à mudança de significado da palavra "gossip" que ocorreu ao longo da história. Na idade média, essa expressão era utilizada para referir-se aos encontros de amigas. Porém, houve uma mudança de significado e a expressão passou a ser usada de forma pejorativa como "fofoca" ou "conversas vazias" e sempre associadas às mulheres, o que justifica a desvalorização de encontros ou grupos de mulheres e de seus saberes e "formas de comunicação e transmissão de conhecimento" (Federici, 2025, p. 38). Enquanto Hatton (2017) argumenta que o trabalho torna-se invisível através de três mecanismos sociológicos de invisibilidade: culturais, legais e espaciais. Ou seja, os mecanismos culturais são responsáveis pela desvalorização do trabalho de acordo com quem o realiza, o sócio-legal torna o trabalho invisível ao excluí-lo das definições de emprego e por fim, o mecanismo socioespacial, torna o trabalho invisível quando é realizado fora do "local de trabalho" socialmente construído. Isso nos permite compreender que o trabalho de (re)produção de vida e os saberes das mulheres, tornam-se invisíveis, mesmo que sejam fundamentais para a manutenção da vida e pela "produção de valores de uso dentro do lar, para consumo direto dos membros da família do produtor, produção essa que contribui para a reprodução da força do trabalho" (Bottomore, 2011, p. 602).

Por fim, cabe a menção de que este projeto foi pensado e organizado por mulheres, o que condiz com a concepção de Carvalho e Eggert (2022) de que a Educação Popular Feminista é feita com e pelas mulheres. A sistematização da experiência de Educação Popular Feminista no Projeto “Mulheres e Cidadania” contribui para a diminuição da lacuna anteriormente mencionada e, com isso, busca apoiar a práxis da Educação Popular Feminista junto às mulheres do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular Feminista; EFASC; Mulheres Camponesas; Trabalhadoras Rurais; Formação de Mulheres.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CARVALHO, Íris de; EGGERT, Edla. **Tempos de fome: a colonialidade confrontada pela Educação Popular Feminista**. Cadernos de Educação, n. 66, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/22045/14447>. Acesso em: 18 out.2025

CHAVES, Kena Azevedo. 'Hacia la Comunidad, Siempre', os Caminhos do Feminismo Comunitário: Entrevista com Julieta Paredes. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 286-298, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/14460>. Acesso em: 18 out. 2025

EFASC, ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL. Série histórica. Relatório de atividades (2010-2024). Santa Cruz do Sul, 2024. 301p. Disponível em: https://linktr.ee/efasantacruz?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAacLuRMzCFn2XmqUZngwA9kxWmAH3zCIZHtrN2Fzr_mun-clUIAmfnyrANseqmg_aem_kGsnhaizaeV_IFu7D609vw. Acesso: 30 jun. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Caça às bruxas e capital: Mulheres, acumulação, reprodução/** Silvia Federici; organização de Gabriella Palermo; tradução de Gisela Bergonzoni - São Paulo: Elefante, 2025, 100 p.

HATTON, E. (2017). **Mechanisms of invisibility: rethinking the concept of invisible work**. Work, Employment and Society, 31(2), 336-351. <https://doi.org/10.1177/0950017016674894>

MOREIRA, Tereza. Moema Viezzer: **Vocação de semente - A história de uma facilitadora da inteligência coletiva**. São Paulo: Brasil sustentável Editora, 2017.